



O REGRESSO DO PEREGRINO, UMA DEFESA ALEGÓRICA DO CRISTIANISMO, DA RAZÃO E DO ROMANTISMO

C. S. Lewis

Antônio Francimar da Silva Lima*



* Bacharel em Teologia pelo Seminário Batista do Cariri (2001) e pela Faculdade Metodista de São Paulo (2015), Licenciado em Letras pela Universidade de Petrolina (2015), Mestre em Letras pela Universidade Federal do Ceará (2019).

Contato:
professorfrancimar@gmail.com.

Recebido em: 21/11/2020

Aprovado em: 30/12/2020.

“Parodiar” tornou-se algo beirando ao cômico e sem valor, isto é, a simples releitura engraçada de um clássico. Essa visão está associada, principalmente, ao cinema, em que filmes famosos e consagrados são ridicularizados. Bakhtin (famoso crítico e estudioso de Dostoievski) considera a paródia como “a criação do duplo destronante, do mesmo mundo às avessas” (BAKHTIN, 2010, p. 145). Para ele, a paródia pertence a esfera do riso carnavalesco, onde a ordem e a hierarquia são duvidados e invertidos de maneira a causar risos no expectador. Não significa que a paródia é algo sem valor ou feito puramente para divertir o leitor/expectador. Antes ela, recria personagens para debochar ou denunciar um status quo opressor, mas também para valorizar o clássico.

Quero, no entanto, demonstrar que nem toda paródia serve a esse fim. Especialmente na literatura, há exemplos de paródias com finalidades outras à da diversão e entretenimento. O *Regresso do peregrino* (LEWIS, 2019) é um exemplo de paródia do mundialmente conhecido *O Peregrino* de John Bunyan (1678), e não é a primeira vez que Lewis parodia uma obra, já que em *Até que tenhamos rostos* (LEWIS, 2017), ele faz uma clara releitura do mito grego de Eros e Psique contada em *A metamorfose ou Asno de ouro* (APULEIO, Século II d.C), obra em que Lewis amadurece temas que marcariam as *Crônicas de Nárnia*.

NO *grande abismo*, Lewis retrata em prosa a epopeia *Divina Comédia* (DANTE, 1472), no qual o guia do visitante às regiões espirituais é George MacDonald (diferente de Dante que escolheu Virgílio para conduzi-lo ao Inferno, purgatório e Céu). Lewis tinha uma forte atração por Dante, que o fez produzir uma obra acadêmica intitulada *A imagem descartada, para compreender a visão medieval do mundo* (LEWIS, 2015), na qual ele considera a obra de Dante o texto fundacional da língua e cultura italiana, e a base para compreender o mundo medieval. Além disso, Dante aparecerá rapidamente no livro 8, capítulo 9, quando o Sr. História explica a Lewis sobre as mensagens gerais que o Proprietário envia para as pessoas, mas que nem todas conseguem decifrar, exceto um deles que conseguiu e registrou num livro que ele chamou de comédia (LEWIS, 2019, p. 195).

As obras de C. S. Lewis trazem uma originalidade rara apenas aos gênios. Em *O Regresso do peregrino*, Lewis consegue ler as principais ideias dos seus dias, contrárias à fé Cristã, e transformar esse dilema em uma alegoria que deve ser lida. A obra está dividida em 10 livros, nos quais será narrada a peregrinação de João (talvez um elogio ao escritor inglês John Bunyan) desde sua cidade, passando pelos caminhos mais tortuosos até encontrar sua ilha desejada. O livro é uma publicação da Editora Ultimato, a qual também lançou *lendo os salmos* (2015), *surpreendido pela alegria* (2015), *Até que tenhamos rostos* (2017), e um devocional extraídos das crônicas e de outras obras teológicas do autor, intitulado *Um ano com C. S. Lewis* (2005).

O prefácio do livro é feito pelo próprio autor, e ele o aproveita para redefinir alguns termos usados na obra. O livro traduzido pela Editora Ultimato é a segunda edição, dez anos após a primeira publicação. Lewis se preocupa como a palavra Romântica (que

aparece no título) que ficou mal interpretada, daí ele decide solucionar os maus entendidos, sugerindo sua compreensão desse termo:

O que eu quis expressar foi uma experiência particular recorrente, que dominou minha infância e a minha adolescência e que eu, afobado, chamei de ‘romântica’ por que a natureza inanimada e a literatura fantástica estavam entre as coisas que a evocavam (LEWIS, 2019, p. 15).

Lewis pretende por “romântico” apontar para uma explicação da vida menos “realista”. Os mitos são verdadeiros, dirá o autor, não que faunos e dríades existam no mundo real, mas eles contam uma história verdadeira além do muro realista que vemos. O “romantismo” nos remete a um desejo, uma insatisfação por esse mundo e um anelo por algo melhor, o que faz os seres humanos sonharem com o mundo ideal.

A alegoria lewisiana começa (livro 1) quando João começa a indagar o porquê de não poder cometer algumas transgressões (como atirar em pássaros com seu estilingue), daí ele é apresentado ao mordomo (uma espécie de pastor), o qual apresenta-lhe o cartão de regras escritas pelo Proprietário; Contudo, o menino João segue desconfiado e, cometendo suas torpezas. O menino se torna um rapaz curioso, que acaba atravessando os limites do muro de sua vila, e, do outro lado, ele conhece “morena”¹, uma moça encantadora que o ensina os segredos da vida sexual libertina, e, quando menos ele percebe, já é pai de uma grande família de crianças morenas.

O desejo é o grande tema que costura toda a obra, e nesse sentido, Lewis retoma Agostinho e seu famoso mote: “Vós o incitais a que se deleite nos vossos louvores, porque nos criastes para Vós, e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousa em Vós” (AGOSTINHO, 1973, p. 25). João se sente insaciável em sua cidade (chamada Puritânia)

¹ O termo “morena” será usado na obra para descrever o apetite sexual libertino de João. O pecado da luxúria é representada por uma moça morena. A verdade é que essa conotação parece desrespeitosa e racista, a princípio por usar a mulher como objeto de desejo sexual, e, em segundo, por atribuir a cor da pele morena ao pecado. A APEC usava 5 cores para contar a história da redenção, mas teve que modificar porque o negro/preto era atribuído ao pecado. Lewis escreveu essa obra em 1933, portanto, seguiu o impulso literário da sua época, que via a mulher negra como. O brasileiro Aluísio de Azevedo criou a personagem Rita Baiana (Cortiço, 1890) como uma mulher sensual que acaba sendo a ruína do português Jerônimo. Monteiro Lobato, em seu livro infanto-juvenil Caçadas de Pedrinho (LOBATO, 1924), diz: “Tia Nastácia, esquecida dos seus numerosos reumatismos, trepou, que nem uma macaca de carvão”. O assunto é sério, mas não podemos descartar completamente Lobato, Azevedo e Lewis por um erro.

e o caso amoroso com morena, e começa a suspeitar que talvez exista uma ilha onde todos os seus desejos sejam satisfeitos. A primeira vez que ele “sente” essa ilha, um prazer indescritível o invade, e o atormenta a ponto dele abandonar tudo e sair de casa.

O **livro 2** é intitulado “Tremor” porque João será exposto aos grandes pensamentos da época, o que trará dúvida e tremor sobre a sua decisão de seguir uma voz sussurrando-lhe sobre uma ilha. O sr. Iluminismo deixa claro que o proprietário é uma mera invenção dos mordomos, já que a maioria das histórias são falsas, é provável que todo o resto seja igualmente falso (método dedutivo). João sente-se aliviado por saber que não existe proprietário ou regras, logo não há castigo, mas o seu desejo pela ilha continua.

João conhece um amigo que o acompanhará em sua jornada, o sr. Virtude. O sr. Meio do caminho é o pai de mediana, por quem João acaba se enamorando (sem saber que se tratava de uma morena), em um gesto claro e interior de seu ‘desejo’ aflorado, mas nunca satisfeito. O sr. Meio do Caminho revela-lhes que “aquilo que a imaginação apreende como belo passa a ser a verdade, quer existisse antes, quer não” (LEWIS, 2019, p. 53), ou seja, a ilha que tanto João procura e anseia não precisa ser real/literal, ela pode estar no meio da cidade num sentido figurado, ou no coração, uma clara referência aos processos de demitologização dos séculos 19 e 20.

Gus meio do Caminho (filho do sr. Meio do Caminho) mostra a João a máquina da época, uma referência a máquina do mundo já presente na epopeia de Dante (2006), Camões (2020) e celebrada em Drummond (2012, p. 105)² a ideia é que exista uma máquina que tenha poderes para revelar todos os mistérios da humanidade. João experimenta um pouco desse poder, mas não se sente satisfeito.

² Em Dante, a Máquina do Mundo é uma potência divina que move todas as engrenagens do mundo. Camões descreve em *Os Lusíadas* a máquina do mundo como as forças vitais da natureza, do cosmo, e suas atribuições qualificativas, segundo sua referência aos deuses respectivos: “Vês a grande máquina do Mundo/ Etérea e Elemental, que fabricada/ Assim foi do Saber, alto e profundo,/ Que sem princípio e meta limitada./ Quem cerca em decorrer este rotundo/ Globo e sua superfície tão limada,/ É Deus: mas o que é Deus, ninguém o entende,/ Que a tanto o engenho humano não se estende”. Drummond cria um *eu lírico* que é chamado para conhecer a máquina do mundo, mas declina do convite: “E como eu palmilhasse vagamente/ uma estrada de Minas, pedregosa,/ e no fecho da tarde um sino rouco/ se misturasse ao som de meus sapatos/ que era pausado e seco; e aves pairassem/ no céu de chumbo, e suas formas pretas/ lentamente se fossem diluindo/ na escuridão maior, vinda dos montes/ e de meu próprio ser desenganado,/ a máquina do mundo se entreabriu/ para quem de a romper já se esquivava/ e só de o ter pensado se carpia?”.

No **livro 3** (através do mais escuro *zeitgeisthem*) João é levado pelo seu novo amigo Gus para a cidade de Escrópolis, onde ele experimenta as variadas expressões artísticas que tem o poder psicodélico de anestesiar os desejos reais e criar ilusões para suportar a vida. Lewis chama os anos 20 de imundos e lunáticos no contexto da poesia e literatura. Há uma dura crítica a *art nouveau* no diálogo entre João e o jovem Meio do Caminho:

- Imaginei que você fosse gostar – disse o jovem Meio do Caminho.
- Eu não compreendi.
- Ah – disse uma mulher de óculos, que parecia ser a enfermeira ou a guardiã de Glugly –, é por isso que você está procurando pela beleza. Ainda está pensando em sua ilha. Você tem que perceber que a sátira é a força propulsora na música moderna.
- Trata-se da expressão de uma desilusão selvagem – disse mais alguém.
- A realidade se quebrou - ...
- Nossa arte deve ser brutal - ...
- [...]
- Mas, olhe aqui – gritou João –, aquela guerra foi há muitos anos. Foram seus pais que participaram dela e eles estão todos com a vida ganha e vivendo vidas comuns.
- Puritânio! Burguês! – gritaram os brilhantes. Todos pareciam ter se levantado. (LEWIS, 2019. p. 68)

João resolve sair daquele país, mas é impedido por ter ideias remanescentes de Puritânia; Primeiro, Sigismundo iluminismo tenta dissuadi-lo de sua ilusão obsessiva pela ilha; para o filho do sr. Iluminismo, João sofria de uma patologia psicológica: “a ilha era o pretexto que você criou para ocultar de você mesmo a sua própria luxúria” (LEWIS, 2019, p. 74). Como João não se convenceu, foi preso no calabouço do gigante Espírito da Época, onde o carcereiro mantinha os presos numa espécie de catecismo que tirava deles a capacidade de julgar os fatos. A Sra. Razão era uma matadora de gigantes e deu fim aquele que aprisionava João.

O **livro 4** começa falando do restante do trabalho da Sra. Razão ao libertar os prisioneiros do gigante, mas percebe que “aqueles que foram freudianos por muito tempo são incuráveis” (LEWIS, 2019, 83). A Sra. Razão mostra claramente que não pode ajudar João na sua busca pela ilha, mas indica suas irmãs, Teologia e Filosofia. Em diálogo com João, Sra. Razão explica que o gigante Espírito da Época (Cientificismo) faz-nos enxergar o pior do ser humano (ele iludia os prisioneiros a ponto deles ver seus semelhantes de maneira transparente, e na hora das refeições, cada um podia enxergar a comida descendo

goela a baixo, o câncer no fígado de outro e por aí vai), segundo ela: “tais imagens são úteis para os médicos” (LEWIS, 2019, p. 89). João volta a falar do seu desejo e a Sra. Razão apresenta-lhe *a teoria da realização do desejo*, que significa que algo posso existir por que alguém deseja aquele algo. Em *Peso de glória*, Lewis fala que é possível que a comida exista porque os seres vivos a desejam³. Por isso, a ilha de João pode bem ser uma realidade já que é desejada por ele.

João e Virtude chegam no grande canal (abismo que deve ser transposto – **Livro 5**). Na beira desse abismo, eles conhecem Mãe Kirk, a nora do Proprietário, que conta para os peregrinos a história do grande canal (uma alegoria magnífica – que deve ser lida na íntegra – da criação, queda e redenção da natureza): “houve um terremoto e o campo se rachou por inteiro, de norte a sul... na minha língua, no entanto, o nome dele (desfiladeiro) é *peccatum Adae*” (LEWIS, 2019, p. 100). O único meio de atravessar o abismo é ser carregado por mãe Kirk, o que João e Virtude recusam. De volta a estrada, eles encontram a casa do Sr. Sensato, um típico homem renascentista, erudito, capaz de conversar mesclando inglês, latim, grego e francês, como em: “*Pellite cras ingens tum-tum* νομω ως διακεῖται”. O sr. Sensato não ataca a fé de Mãe Kirk, antes a trata com respeito; Lewis premoniza a noção de ‘tolerância’, que já havia nos seus dias, para com a religião, uma tendência que tem sido ampliada, a qual ressignifica-a dando-lhe espaço no grande teto da sociedade moderna e civilizada, não como verdade absoluta, mas uma das variedades expostas nas prateleiras do mundo.

A viagem recomeça (**Livro 6**), e os três (o escravo do Sr. Sensato foge de casa com os peregrinos) encontram três jovens, filhos do Sr. Iluministas: Neoangular, Neoclássico e o Sr. Humanista, criando uma nova comunidade com princípios do catolicismo, hinduísmo e o classicismo. Neoangular é um cínico, que em conversa com João o desencoraja a abandonar sua busca pela ilha, já que ele não tem certeza de que ela seja real ou fantasia.

³ Estar com fome não prova tampouco que temos pão... a fome material de um homem não prova que esse homem vai conseguir alimento... Com toda certeza, porém, a fome de um homem prova, sim, que ele pertence a uma raça que repõe parte de seu organismo comendo e habita um mundo em que existem substâncias comestíveis. Da mesma forma, embora eu não acredite que meu anseio pelo Paraíso prove que eu usufruirei dele (quem dera assim fosse), penso ser ele um bom indicador da existência do Paraíso e que alguns seres humanos dele desfrutarão (LEWIS, 2008, p. 36).

A cena a seguir é sombria e esclarecedora, já que João e Virtude abandonam os três irmãos idealistas e seguem até serem capturados pelos “sub-homens – quer da esquerda, quer da direita – são todos vassalos da crueldade – o niilismo heroico...” (LEWIS, 2019, p. 30). Eles são anões – tanto Lewis quanto Tolkien descrevem os anões como uma raça, parecida aos homens, que podem oscilar entre o bem e o mal; nesse caso, eles são maléficis – dos quais, João distinguiu algumas espécies, “Marxomanni, Mussolimini, Swastici, Gangomanni”, todos servos de uma criatura chamada Selvagem. João sentiu um medo insuportável: “senti o tempo todo que, se me matassem, não seria um assassinato, não mais do que se um crocodilo ou um gorila me matasse” (IBIDEN). Lewis detalha nessa passagem o espírito do século 19 marcado pelo niilismo, ou as ideias contrárias a qualquer tipo de conservadorismo, essas ideias foram largamente exploradas por autores russos como Turgueniev e Dostoievski (sobretudo na criação do homem extraordinário em *Crime e Castigo*), e mais tarde Nietzsche com a criação do *übermensch*. Selvagem recebe João para mandar um recado aos três jovens tolos e idealistas:

Eles vivem sobre um rocha que nunca alimentará o homem, entre um abismo que não podem atravessar e o lar de um gigante para quem não ousam retornar e ainda falam de cultura e de segurança. Se todos os homens que tentam construir não fazem outra coisa senão polir os latões de um navio que naufraga, então seus amigos pálidos são tolos supremos que dão polimento ao resto, embora saibam e admitam que o navio está naufragando. Seu humanismo não é outra coisa senão o velho sonho, com um novo nome. A podridão no mundo é muito profunda e a goteira no mundo é muito grande. Eles podem remendar e consertar quanto quiserem, que não o salvarão. Melhor desistir” (LEWIS, 2019, p. 134).

É permitido a João voltar e dar o recado aos três irmãos, mas o sr. Humanista acredita que a inteligência vai resolver tudo!

Virtude (companheiro de viagem de João) adocece por causa do encontro com Selvagem (**Livro 7**). Lewis destaca aqui, o vacilo da moral tradicional diante dos novos pensamentos *niilistas* no nosso tempo. João continua sua peregrinação tendo que carregar Virtude (mudo e cego), até que encontra a casa do Sr. Largo (a grande Igreja, a religião modernizante, amiga do mundo). No gramado da casa, João toma chá e descobre que o sr. Largo é amigo de selvagem e do sr. Sensato, também percebe que ele havia abandonado a Teologia e se devotado para Botânica – Lewis pretende alertar para o desastre iminente dos teólogos do seu tempo que haviam se enveredado para os estudos periféricos e negligenciado a teologia.

De volta a estrada, João e o doente Virtude chegam a casa do sr. Sabedoria. No meio da noite, ele conheceu a sua filha, Contemplação, a qual o fez ver, em um salto de fé, a sua ilha. Ela o ensinou a saltar, mas João ainda não era capaz de ir direto ao seu destino. No dia seguinte, João terá um diálogo filosófico com sr. Sabedoria sobre os dois erros que devem ser evitados para encontrar a sabedoria (LEWIS, 2019, p. 153), mas deixo o leitor conferir por si mesmo. Também há um diálogo elevado sobre a origem dos valores morais que precisam ser lidos na íntegra.

No **livro 8**, virtude recupera sua saúde, mas oscila entre um gnosticismo acético e um desespero schopehaueriano, em que o sofrimento físico é bom para purificar o espírito:

- ... Amizade, afeição, o que são essas coisas senão as cadeias mais sutis que nos amarram ao nosso país atual? Aquele que mortificasse o corpo e permitisse que a mente fosse feliz e que afirmasse e se chafurdasse em sua vontade finita seria de fato um tolo. Não é este ou aquele prazer, mas todos devem ser arrancados (LEWIS, 2019, p. 174).

Virtude despreza João e segue seu caminho sozinho, em seu abandono e desespero, o peregrino faz uma oração sem perceber, mas logo, começa a racionalizar a oração como uma fala interior: não existe um proprietário, somente o eu. No entanto, João não conseguiu se desvencilhar do Proprietário, a ponto de ser “CAPTURADO” novamente (IBIDEN, p. 183). A conversão de João é descrita em termos muito simples – sem nenhum alarde típico da literatura de mistério ou esotérica – semelhante a do próprio autor narrada em sua autobiografia, *Surpreendido pela alegria*:

No Semestre do Trinity College de 1929, cedi e admiti que Deus era Deus, ajoelhei-me e orei: talvez, naquela noite, eu fosse o convertido mais abatido e relutante de toda a Inglaterra. Até aquele momento eu não via o que é agora a coisa mais brilhante e óbvia; a humildade divina que aceitará um convertido mesmo nesses termos. O filho pródigo pelo menos voltou para casa com seus próprios pés (LEWIS, 2010, p. 221. Tradução nossa).

João segue e encontra uma caverna, e nela um eremita chamado História, o qual passa a contar a verdade sobre proprietário. Segundo pai História, Ele enviou sua mensagem a todas as pessoas, mas alguns foram afetados pelo Inimigo que não conseguem mais ler suas regras (os Pagus/pagãos), mesmo assim, o Proprietário continuou se comunicando com eles através de imagens/desenhos. Mas era necessária uma compreensão completa das ordens que só poderia acontecer lendo os cartões de

regras que os mordomos possuem. Lewis cria uma belíssima metáfora para a doutrina da revelação geral e especial da teologia, a qual declara que Deus se revela na natureza, na história e na consciência humana, enquanto que na especial, Deus se revela nas Escrituras, e em Cristo.

A conversão de João acontece completamente quando ele se rende ao Proprietário e aceita ser carregado por mãe Kirk na travessia do canal:

- Eu vim para me entregar – ele disse.
- Está bem – disse mãe Kirk – você percorreu um longo caminho para chegar a este lugar, para onde eu teria lhe carregado em poucos instantes. Mas está tudo bem.
- O que preciso fazer? – perguntou João.
- Você precisa se livrar dos seus farrapos – ela respondeu – como fez seu amigo, e depois mergulhe nesta água.
- Ai de mim! Pois nunca aprendi a mergulhar.
- A arte de mergulhar não é fazer algo novo, mas simplesmente deixar de fazer algo. Você tem somente que abrir mão de si mesmo. (LEWIS, 2019, p. 209).

A experiência “parecia a morte”, e “pessoas tenebrosas vieram se infiltrando do seu lado, tocando seu braço e sussurrando ao seu ouvido e cada uma delas parecia ser o fantasma de algum velho conhecido” (LEWIS, 2010, p. 210). João descobre um mistério: os mitos são verdadeiros, ou seja, o proprietário criou os sentidos e a imaginação nos homens para que eles pudessem auxiliar na comunicação com o Proprietário. Depois dessa longa jornada, João e Virtude percebem o seu erro, a ilha sempre esteve bem perto deles, mas eles não conseguiam enxergar por causa da aparência do mundo que os cercava. Eles recebem ajuda de um guia para regressarem e encontrar o proprietário.

O **livro 10** narra o regresso de João a sua cidade; nesse retorno, ele percebe que todos os lugares por onde passou, se tratava de uma ilusão do mundo. Ele começa sua jornada de volta numa estrada estreita, diferente da sua viagem de ida cheia de campos, penhascos, estradas, casas hospitaleiras e cidades; agora, João vê o mundo como ele é realmente, cheio de luxúria, soberba, “*ignorantia*”, o “dragão do norte” e o “dragão do sul”.

- Chegamos – disse ele – ao ponto da estrada que fica no meio do caminho entre as duas pontes de terra das quais falei. O dragão frio está aqui à nossa esquerda, e o dragão quente, à nossa direita. Agora é a hora de mostrar quem vocês são. O lobo está esperando na floresta ao sul: nas rochas ao norte, o corvo

voa em círculos, à espera de cadáver. É bom ficarem a postos rapidamente. Que Deus os defenda (LEWIS, 2019, p. 238).

Eles lutam e conseguem atravessar o vale onde os dragões estão, e, finalmente, chegam em casa, de volta em Puritânia – onde tudo começou – e de lá, ele deve atravessar o riacho para as moradas do Proprietário.

O *Regresso do peregrino* não é um livro escrito para crianças, como *as crônicas de Nárnia*, pois requer um pouco mais de paciência e perseverança para perscrutar as alegorias e achar o referente no mundo real, no entanto, assim como o *Peregrino* de Bunyan, aquele veio para trazer edificação e coragem na longa jornada que os cristãos tem pela frente. Recomendo a leitura para os leitores de Lewis, acostumados com sua *expertise* em traduzir teologia em literatura e vice-versa, mas também encorajo a todos a se aventurarem nessa leitura que narra a jornada épica, que é a vida de todo cristão, que luta contra o mundo, a carne e o diabo.

REFERÊNCIAS:

AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Editora Abril, 1973.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Problemas da poética de Dostoiévski**. São Paulo: Martins Fontes, 2010a.

DRUMOND, Carlos. **Claro enigma**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

CAMÕES, Luis de. **Os Lusíadas**. Pará: UNAMA, 2020, Disponível em < <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000178.pdf> >.

DANTE, Alighieri. **A divina comédia**. São Paulo: Martin Claret, 2006.

LEWIS, C. S. **A imagem descartada**: Para compreender a visão medieval do mundo. São Paulo: É Realizações, 2015.

_____. **Até que tenhamos rostos**: uma releitura de um mito. Viçosa: Ultimato, 2017.

_____. **Alegoria do amor**: um estudo da Tradição Medieval. São Paulo: É realizações, 2012.

_____. **Lendo os salmos.** Viçosa: Ultimato, 2015.

_____. **O grande abismo.** São Paulo: Editora Vida, 2009.

_____. **O regresso do peregrino:** Uma defesa alegórica do cristianismo, da razão e do romantismo. Viçosa: Ultimato, 2019.

_____. **Peso de glória.** São Paulo: Editora Vida, 2008.

_____. **Suprised by joy:** the shape of my early life. Orlando, Florida: Harcourt Publishing Company, 2010.

_____. **Surpreendido pela alegria.** Viçosa: Ultimato, 2015.

_____. **Um ano com C. S. Lewis.** Viçosa: Ultimato, 2005.